

Fluxos e processos comunicacionais aproximam os GPs Geografias da Comunicação e Comunicação e Educação ¹

Antonia Alves PEREIRA²

Sonia Virgínia MOREIRA³

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo central deste artigo é verificar as aproximações temáticas existentes nos grupos de pesquisa das Geografias da Comunicação e Comunicação e Educação considerando espaços e fluxos comunicacionais em escala e processos comunicacionais a partir de títulos, palavras-chaves e resumos de 23 textos apresentados entre 2018 e 2022. O referencial teórico-metodológico aciona autores e publicações coletivas, os estudos comparado e o recurso de *corpus*. Os resultados demonstram que os elos aproximativos se referem a usos empíricos e conceituais semelhantes para os fluxos informativos, comunicacionais, midiáticos e interculturais e mediação de processos comunicacionais. Ainda evidencia reflexões produzidas em transdisciplinaridade e transterritorialidade nos espaços social, geográfico, educacional, midiático e intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; geografia; educação; grupos de pesquisa; território.

INTRODUÇÃO

Com 33 grupos de pesquisa, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) apresenta ângulos investigativos e troca de saberes entre pesquisadores, estudantes e profissionais. De núcleos de pesquisa até 2008 e divisão temática até 2017, os grupos de pesquisa são avaliados a cada triênio quando também é possível novas proposições que agreguem ao menos 20 pesquisadores e três regiões do país. Sua finalidade visa “reunir pesquisadores interessados em temáticas dotadas de legitimação acadêmico-profissional ou temas emergentes, que representam objetos demandando elucidação teórico-metodológica” (INTERCOM, 2022).

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Comunicação no Doutorado Interinstitucional Capes/UERJ/Unemat; e professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: antoniaalves@unemat.br.

³ Pesquisadora do CNPq, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, doutora em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes da USP, e-mail: soniavm@gmail.com

Integrantes do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação (GP 22), as autoras deste trabalho consideram a perspectiva comunicação-geografias-educação para averiguar possibilidades aproximativas com o grupo Comunicação e Educação (GP 4). Para além da perspectiva interdisciplinar, estes dois grupos estão constituídos por um mergulho transdisciplinar nas áreas da Geografia e da Educação, consolidando-se por seu trânsito que levou à sua denominação como *Geografias da Comunicação* e Comunicação-Educação (interface ou simplesmente, *Educomunicação*). Este processo levou os grupos a incorporarem conceitos, não justapostos, em diálogo transdisciplinar, resultando em um olhar comunicacional para novos horizontes.

Pelos prefixos é possível visualizar como se dá a construção de pontes entre distintas disciplinas. É pluridisciplinar quando recebe a contribuição de outras disciplinas, mas está a serviço da primeira. Na abordagem interdisciplinar há transferência de métodos em relação ao grau de aplicação, epistemológico e de geração de novas disciplinas, ainda restrita a uma disciplina. A transdisciplinaridade está “*entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina em vista da unidade do conhecimento (UNESCO, 2000, p. 11).

Neste artigo, buscamos o elo aproximativo no referencial teórico dos grupos a partir de consulta ao site institucional⁴ que apresenta suas preocupações: comunicação, a educação, a educomunicação, a comunicação e educação e as linguagens midiáticas; comunicação, geografia, territórios de mídia, comunicação e fronteiras. Para além dos termos endógenos a cada um, fluxos, espaços e processos comunicacionais se mostraram como categorias de análise. Suas ementas apontam para espaços e fluxos comunicacionais em múltiplas escalas no eixo geografia-comunicação-mídia e de espaços de comunicação intercultural; para processos comunicacionais, ecossistemas comunicacionais e contextos educacionais que refletem as mutações e a convergência das linguagens midiáticas e digitais que reconfiguram as maneiras de aprender e de ensinar, os modos de perceber, sentir e pensar as relações humanas em suas práticas sociais.

Como sua base científica é consolidada por autores que fundamentam os campos e pela sistematização das publicações dos grupos, recorreremos ao seguinte referencial: Marques de Melo (2012), Fadul (2007), Moreira (2012; 2022) e Moreira, Baldesar, Ota e

⁴ Os GPs apresentam as formas de contato com o grupo, coordenação, site, e-mail e grupo no Facebook. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-geografias-da-comunicacao>; e <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-comunicacao-e-educacao>.

Brandalise (2019) na interface Comunicação/Geografia; e Aparici (2014), Citelli (2014), Freire (1971), Kaplún (1998), Martín-Barbero (2014), Soares (1999; 2011), Nagamini e Gomes (2017a; 2017b) e Nagamini (2016a; 2016b; 2016c), na Comunicação/Educação. Os recursos metodológicos partem dos estudos comparados (KAYSER, 1970; MARQUES DE MELO, 1972; ESSER; HANITZSCH, 2012; MACHADO, 2016) e se complementa com a definição de *corpus* (BAUER; AARTS, 2003; BENETTI, 2010; ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006; SERRA; FERREIRA, 2014; ROXO, 2019).

Bauer e Aarts (2003, p. 44-45) definem o *corpus* como coleção ou conjunto de textos, de escrito, de coisas ou assuntos a serem selecionados com base nos princípios de relevância, sincronicidade e homogeneidade que aponta para o recorte temático, temporal e similar. Como não se trata de recorte arbitrário de unidades, é preciso responder a perguntas fundamentais acerca “de quantas unidades” para validar os resultados, “de quantas unidades” para coletar e analisar no período que dispõe e “quanto tempo” para abranger sua amostra (BENETTI, 2010, p. 245). Sua seleção pode nascer de *insights* do pesquisador a partir de sua afinidade temática e de pesquisas anteriores para articular os objetos teórico e empírico (ROXO, 2019, p. 113), além de passar por etapas que exigem manipulação, compilação, manipulação e armazenamento dos dados no computador local (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006, p. 160).

Ainda, recorremos aos argumentos de Lebrum (2007) e Serra e Ferreira (2014) sobre a importância dos títulos, palavras-chave e resumo em publicações científicas, pois estes termos que facilitam a indexação e o acesso a outros pesquisadores, às vezes são negligenciados. A desconexão destes elementos essenciais pode comparecer por meio de um título atrativo, de palavras-chave inadequadas e de um resumo que não faça uma boa contextualização do percurso e resultado. Os autores apontam para o equilíbrio entre palavras gerais, intermediárias e específicas a fim de atrair pesquisadores da área, com certa familiaridade à área e de outras áreas. Outro aspecto salientado é que as normas editoriais, muitas vezes, apresentam apenas o número de palavras e caracteres dos títulos e orientar que o resumo seja contextualizado, detalhe o percurso teórico-metodológico e os resultados alcançados.

Os estudos comparados avançaram da descrição do conteúdo de mídia para a explicação com rigor metodológico, conforme apontam Esser e Hanitzsch (2012, p. 10) que os classificam quanto aos tipos, limites e desafios teórico-metodológicos. Isto tornou a pesquisa comparativa sensível ao contexto examinado para averiguar fenômenos e

processos de comunicação que estão envolvidos. Com isso, é possível descrever, explicar diferenças e semelhanças, identificar equivalentes funcionais, estabelecer tipologias e fazer previsões. Estes estudos remontam à morfologia comparativa de Jacques Kayser (1970), disseminada no Brasil por Marques de Melo (1972), assim como pode ser um pioneiro a proposta metodológica de Otto Groth para comparação de jornais em diferentes cidades (MACHADO, 2016).

Todos estes requisitos foram atendidos para selecionar dos 301 trabalhos (211 no GP 4 e 90 no GP 22) planilhados pelo filtro temático (fluxos, espaços, processos) que resultou em 23 publicações, sendo 11 no GP 4 e 12 no GP 22, conforme detalhado mais adiante. A maior parte das palavras-chave são endógenas à área (comunicação, educação, educomunicação, comunicação e educação, geografia e/ou geografias da comunicação).

Nos próximos tópicos, contextualizamos as confluências na tríade comunicação-geografia-educação, a concepção de espaços e fluxos/contrafluxos de informação, os processos comunicacionais como marcas de protagonismo e empoderamento. Por fim, apresentamos como os espaços e os fluxos comparecem nos grupos de pesquisa Comunicação e Educação e Geografias da Comunicação.

Comunicação, Geografias e Educação – possíveis confluências

Faz-se necessário discorrer sobre a confluência da Geografia e da Educação, áreas do conhecimento distintas, e interrelacionadas pela Comunicação nos grupos de pesquisa analisados e pelas discussões elaboradas em seu interior. Criados num espaçotemporal de oito anos, em 2001 e 2008, respectivamente, sob a coordenação⁵ de Adilson Citelli (USP) e Sonia Virgínia Moreira (Uerj). O primeiro está em sua terceira nomenclatura, criado como núcleo (Comunicação Educativa núcleo, NP-11), tornou-se divisão temática (Interfaces Comunicacionais, DT-6), depois grupo de pesquisa Comunicação e Educação

⁵ Ao longo de sua existência, o GP 4 foi coordenado por Adilson Citelli (2001-2002; 2005-2006), Aparecida Baccega (2003-2004), Belarmino Guimarães Costa (2006-2009), Ademilde Sartori (2010-2013), Eliana Nagamini (2014-2017); todos os GPs da Intercom passam a ter coordenador e vice-coordenador: Ana Luisa Zaniboni Gomes e Rose Mara Pinheiro (2018-2019), Rose Mara Pinheiro e Ana Luisa Zaniboni Gomes (2020-2021), Sérgio Luiz Alves da Rocha e Rogério Pellizari de Andrade (2022). Por sua vez, os coordenadores do GP 22 foram: Sonia Virgínia Moreira (2008-2012), Maria José Baldessar (2013-2017), Daniela Ota e Roberta Brandalise (2018), Roberta Brandalise e Daniela Ota (2019-2022); Jacqueline Deolindo e Paulo Celso (2023-2024).

(GP 4). Criado como *Comunicação, Espaço e Cidadania* (DT-7), atualmente, grupo de pesquisa Geografias da Comunicação (GP 22).

Estando na interface Comunicação/Educação, o GP 4 recebeu forte influência da Universidade de São Paulo (USP) devido à pesquisa latino-americana coordenada pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) com pesquisadores que atuavam na interface com ações que evidenciavam a existência de um campo autônomo do conhecimento (SOARES, 1999). Encabeçada pela Unesco na década de 1980, as discussões na interface culminaram em duas vertentes no Brasil (mídia-educação⁶ com articulação europeia e norte-americana, e educomunicação, latino-americana, capitaneada pela USP). O diálogo do GP com o NCE-USP acerca desta interface levou à criação da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), criada em 2012.

Com 20 anos de existência e fundamentado em Paulo Freire, o GP Comunicação e Educação revela prática dialógica, protagonismo do aluno com seus próprios repertórios e busca pelo poder emancipador dos processos educativos e comunicativos para a construção coletiva de saberes, troca de experiências e vivência com o outro em sua produção intelectual (GOMES; PINHEIRO, 2021, p. 61). Além de seu referencial teórico e metodológico (NAGAMINI, 2016a; 2016b; 2016c; NAGAMINI; GOMES, 2017), as publicações do GP entre 2001 e 2020 revelam que as obras freireanas mais citadas são *Extensão ou comunicação*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*.

A partir das discussões das décadas de 1950 e 1970, em âmbito internacional e na própria Intercom surge o grupo de pesquisa das Geografias da Comunicação. Tudo começa com o conceito midiático de região de José Marques de Melo (2006), a discussão de convergência midiática dos sistemas radiofônicos na era digital com Ana Maria Fadul (2007) e com o diálogo entre geógrafos e comunicólogos estreitado por Sonia Virgínia Moreira (2007). A interdependência entre as áreas é responsável por captar sinais produzidos pela natureza e processar símbolos gerados pela sociedade, demonstrando que “a Geografia precisa da Comunicação para se fazer conhecer, difundir, atualizar; a Comunicação não pode funcionar sem o suporte da Geografia para distribuir conteúdos, provocar sensações, emocionar, surpreender” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 7).

⁶ Neste contexto se deu a assessoria de David Buckingham (Inglaterra) e Pier Cesare Rivoltella (Itália) que inspirou brasileiros como Belloni, Regina de Assis, Mônica Fantin, Inês Vitorino, Rosália Duarte, dentre outros, para a implementação de programas de mídiáeducação a partir da década de 1980.

As Geografias são no plural porque a realidade é “multifacetada, online, sem fronteiras e intercultural” e capaz de intermediar fluxos “de informação, de conhecimento, de intercâmbios” dada a movimentação das pessoas pelo território com suas mídias portáteis (...) abrangem lugares, territórios e espaços da comunicação e geram uma ‘cartografia’ das teorias (MOREIRA, 2019, p. 9; 13). Moreira, Baldessar, Ota e Brandalise (2019) revelam que dez anos depois as pesquisas avançaram para envolver temas sobre cidade, região, fronteiras, território, espaço digital, cartografia, pensamento geográfico, fluxos, geografia cultural, representações geográficas na mídia e sobre os pares urbano/rural, local/regional e local/global.

Constituídas de maneira transdisciplinar, os grupos de pesquisa, em diálogo interdisciplinar, agora se debruçam sobre os espaços, fluxos e processos comunicacionais da instância social do espaço geográfico entendido como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação, apropriados pelos sujeitos no território usado (SANTOS, 2020). O meio técnico-científico-informacional surgido pela fusão entre técnica, ciência e informação em suas esferas técnica e das emoções é similar ao conceito de ecossistemas comunicativos por onde circulam saberes, linguagens e dispositivos, suscitando novos modos de estar junto, novas sensorialidades e sensibilidades no sensório contemporâneo (MARTÍN-BARBERO, 2014; PEREIRA; MOREIRA, 2020).

Espaços e fluxos de informação e comunicação no território

Para as geografias da comunicação, os sistemas de mídia e de telecomunicações apresentam contextos geográfico, midiático-cultural, econômico, político e identitário que delineiam o processo contemporâneo da comunicação. Além de que os espaços são ocupados por fluxos que movem os interesses do público, do Estado e das corporações, demandando estudos plurais, interdisciplinares e cooperativos (MOREIRA, 2012, p. 16). Pesquisadores da Intercom apresentam verbetes que conceituam fluxos e contrafluxos de informação e de mídia, espaços social e vivencial e processos comunicacionais⁷ (2010, p. 329-330; 472-473; 531-535; 958-959).

Nestes processos se dão as dinâmicas de interação, afetação mútua, expressão e escuta das trocas simbólicas entre os indivíduos e compartilhamento de representações e

⁷ Os verbetes são de autoria de César Bolaño (fluxo, p. 531-532), Heloiza G. Herscovitz (contrafluxos da informação, p. 329-330; e fluxo da informação Norte-Sul, p. 532-533), Pedro Aguiar (fluxos de mídia Leste-Oeste e Sul-Sul, p. 533-535); de Michele Vieira (espaço social, p. 472-473) e de Filomena Maria Avelina Bomfim (espaço vivencial, p. 473); de Alexander Goulart (processo comunicacional, p. 958-959).

de sentido. As ações são delineadas pela utilização de códigos, meios de comunicação e tecnologias, envolvem normas culturais, sociais e ideológicas, modos comunicativos e pedagógicos nos lugares de convívio, de interação, de diferenciação, de disputas e de trocas construídas intencionalmente que resultam em práticas sociais.

Contínuos, em tempo real e em sentidos globais (Norte-Sul, Leste-Oeste e Sul-Sul), os fluxos de informações partem do Hemisfério Norte (agências transnacionais dos países ricos), de blocos antagônicos amparados por geopolítica que permite essa circulação ou de países periféricos do Hemisfério Sul, sendo estes fluxos ainda pequenos. Por meio dos contrafluxos, é possível descolonizar os fluxos tradicionais e promover a democratização da comunicação internacional (fluxos Sul-Norte e Leste-Oeste).

Cada vez mais artificial e interagente, o espaço geográfico realiza a destinação de “fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” que condicionam a forma como se dão as ações e leva à criação de objetos novos ou atualização dos existentes (SANTOS; 2020, p. 63). Para o geógrafo, as técnicas aliadas aos processos de fluidez no território congregam redes sociais, materiais e viventes em meios aos fixos instalados que recebem fluxos que se movem e impactam o imaginário interconectado como movimento social, fazendo com que técnica e social se imbriquem no espaço dada à intencionalidade dos objetos que concebidos com certa finalidade para uma dada localização.

As relações sociais no espaço geográfico levam a compreender o espaço social como algo que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade, uma vez que é material, tangível e palpável (SOUZA, 2018, p. 32-36). Nesta imbricação, as relações de poder se realizam como uma relação social especializada no território e como espaço vivido no lugar que é dotado de carga simbólica e dotado de significado.

O território usado, fruto de apropriação pelos fluxos territoriais e pela ação dos sujeitos, assemelha-se à práxis educacional e às ações extensionistas “com” os sujeitos do local para uma formação cidadã democrática e inclusiva. Isto nos remete ao que Haesbaert (2021, p. 362) argumenta em relação às relações dos sujeitos a partir de sua multiterritorialidade e das redes e fluxos emergentes que originam territórios-rede-flexíveis nos múltiplos territórios que podem congregam uma dimensão pluri/multi/inter/transterritorialidade que possibilita transitar entre eles e no estar/viver em espaços de fronteiras como pluridiversidade.

Em relação aos fluxos, o Instituto Brasileiro de Geografias e Estatísticas (IBGE) aplica-os em métodos, pesquisas e publicações para identificar as relações de hierarquia

urbana entre os centros urbanos a partir das teorias das localidades centrais e dos fluxos centrais (CHRISTALLER, 1966; LÖSCH, 1954; TAYLOR, 2007). Fluxos e contrafluxos de informação nas cidades alternam o comando dos atores que assume o protagonismo das áreas mais informativas ou opacas que delimita a presença ou não de pontos luminosos. É neste contexto que a tecnoesfera iluminada irradia tecnologia e fluidez aos fluxos informativos e comunicacionais pela ação dos sujeitos que vão incorporando os elementos da psicoesfera em seu imaginário, emoções e crenças (SANTOS, 2020).

De maneira similar, Martín-Barbero (2014) discorre sobre os processos de mutação cultural da sociedade contemporânea que envolve tecnicidades e sensorialidades em diferentes temporalidades e espacialidades. Atento à atmosfera tecnológica, Muniz Sodré (2014, p. 214) propõe a noção de *bios* midiático que faz emergir uma comunidade afetiva em torno de uma prática social para intervir na vida social, possibilitando novo tipo de sociabilidade e novas dinâmicas para a vivência urbana e nova forma de existência da vida ético-social.

No território usado, o ecossistema comunicativo é o *locus* da educomunicação por envolver os atores que decidem construir ou ampliar seus espaços de convivência. Em suas interfaces, o grupo de pesquisa Comunicação e Educação compreende os atores em ações inclusivas e dialógicas num dado contexto educacional e em processos de mediação de recursos midiáticos. No grupo Geografias da Comunicação, os atores sociais se mostram atentos às desigualdades socioespaciais e políticas públicas no que se refere à presença, produção e disposição (ou não) dos meios de comunicação no território.

As publicações coletivas dos grupos dão pistas do uso frequente dos termos espaços, fluxos e processos como localização e *modus operandi*. Na maior parte dos textos das coletâneas do GP 4, fluxos, espaços e processos aparecem como sinônimos de vivência no ecossistema comunicacional (NAGAMINI, 2016a; 2016b; 2016c; NAGAMINI; GOMES, 2017), e no GP 22, predomina o sentido geográfico acompanhado da vivência no território habitado (MOREIRA, 2012; MOREIRA; DEOLINDO, 2022).

Em sentido locacional, os espaços são midiático-tecnológicos, educativos e geográficos, os processos sociais, gloais e histórico-geográficos, e os fluxos aparecem com enfoque mercantil, geocultural, informativo, comunicativo, midiático e espaciais em várias direções. Como *modus operandi*, os espaços revelam uma dimensão sociocultural, pedagógica, dialógica e de sociabilidade; e os processos carregam intencionalidade educomunicativa e de mediação tecnológica. Na intersecção destes dois usos, os espaços

habitados referenciam elementos voltados ao pós-colonial, vivido e significativo; à atuação, à apropriação e ao embate entre saberes, relações e decisão.

Seu referencial compreende as interferências dos processos comunicacionais nos modos de aprender e ensinar em espaços educativos formais, informais e não formais (NAGAMINI, 2016c, p. 9). Os fluxos possibilitam ao indivíduo definir seus interesses, conformar valores, entrar no debate público, assumir formações discursivas, ativar processos comunicacionais e singularizar mecanismos de integração na dinâmica social e de construção das sociabilidades (CITELLI *in* NAGAMINI, 2016a, p. 15).

Os territórios híbridos remetem à convivência, às sociabilidades, a formas de pensar intercambiáveis e aos *ethos* (OTA *in* MOREIRA, 2012, p. 208). Ao combinar vivências e trânsito por diferentes territórios e multiterritorialidade (BELART *in* MOREIRA; DEOLINDO, 2022, p. 128), o cotidiano articula sentimentos e vivências que se manifestam no espaço experimentado (COUTO *in* Ibidem, p. 166) e no espaço habitado onde os sujeitos experimentam novos modos de uso num espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido por meio do corpo (FONTENELLE *in* Ibidem, p. 192).

Milton Santos e Paulo Freire são autores que potencializam a compreensão do território usado e do lugar de apropriação para vivências educacionais e para a práxis transformadora que garanta melhores condições aos cidadãos do lugar. A solidariedade na cidade aponta um futuro diferente e melhor, assim como os lugares que se modificam pelos fluxos que resultam das ações, travessam e se instalam nos fixos para modificar seu valor e sua significação no espaçotemporal (SANTOS, 2020). É encontro de sujeitos para “a pronúncia do mundo” que as questões sociais são problematizadas em seu caráter político da educação e processo educativo-comunicativo para uma sociedade mais justa e democrática e a educação como prática de liberdade (FREIRE, 2018a, p. 43).

Na perspectiva freiriana, o processo educativo compreende a comunicação como processo inter-relação social. Na educomunicação, os processos comunicativos das ações passam por planejamento, implementação e avaliação no seu intuito de criar ecossistemas comunicativos criativos e abertos e uma gestão compartilhada e democrática (SOARES, 1999, p. 162). Nesta confluência do aspecto cultural-comunicacional de Martín-Barbero (2014), comum aos dois grupos, ecossistemas comunicativos, cartografia e mediações ajudam a compreender o sensório contemporâneo, assim como possibilita reconfigurar processos educativos e comunicacionais pela dialogicidade e alteridade como caminho possível para a cidadania (CITELLI, 2000).

Como processos sócio-históricos, colaborativos, coletivos, criativos, a mediação dos processos tecnológicos, convergentes, midiáticos e interativos se inscrevem na participação. Como espaços comunicativo-educativo-geográfico, trocas interdisciplinares se fazem no encontro (também no embate) entre os sujeitos e saberes na convivência que se dá em meio às deliberações da atuação. Fluxos e contrafluxos se manifestam tanto na resistência a procedimentos hegemônicos como na utopia da produção midiática e gestão compartilhada que envolva os múltiplos saberes presentes no território.

Os espaços marcados pela ciência, tecnologia e informação desencadeiam fluxos em todas as direções que atravessam os atores sociais nas condições dos lugares em distintas escalas com seus fluxos migratórios, geográficos, tecnológicos, informativos, comunicacionais e pedagógicos que alteram imaginários e identidades. Os processos revelam o inacabado no espaço temporal sociocultural, político, econômico e propicia a construção/produção (formativa, pedagógica e comunicativa) que valoriza experiências vividas (trocas, ações, relações de poder, mediação e inclusão) como transformação.

Espaços, fluxos e processos nos grupos de pesquisa

Assim como as obras de referência apresentam possibilidades aproximativas, os 23 artigos analisados (Tabela 1) apresentam semelhanças, diferenças e potencialidades em relação aos fluxos e processos informacionais e comunicacionais. A sintonia entre os grupos é possível verificar em três artigos que associaram o meio técnico-científico-informacional aos ecossistemas comunicativos, os espaços midiáticos, territórios midiáticos e *bios* midiático aos territórios indígenas, e os espaços interculturais ao mapear espaços interdisciplinares e de produção da cultura digital.

No seu conjunto, as palavras-chave fizeram menção à interface Comunicação e Educação, Educomunicação interfaces comunicacionais, comunicação, comunicação pública e espaços da educação. Referenciaram tecnologias da informação e comunicação e mídias e contextos de imigração (haitiana e venezuelana), de ensino-aprendizagem (educação básica e ensino superior), da cultura digital, dos aspectos sociais (movimento indígena, organização da sociedade civil, direitos humanos, cidadania, participação social) e do jornalismo e seu discurso.

Tabela 2: As publicações dos GPs 4 e 22 por título e autores

Título das publicações do <i>corpus</i>	GP
3% e a construção de memória e espaço em uma narrativa distópica (Ana Carolina Souza)	22
A Identidade do Caipira na Era da Informação (Rogério Barros Pinto)	22
A imprensa de Guia Lopes da Laguna na cobertura da pandemia de Covid-19 e a relação com os quase-desertos de notícia (Danielle Errobidarte Matos, Daniela Cristiane Ota)	22
A organização de espaços e fluxos de informação do terceiro setor no Brasil: O Mapa das OSC como ferramenta de Comunicação Pública (Camila Escudero)	22
As redes de comunicação das organizações formais de imigrantes da cidade de São Paulo: uma análise exploratória inicial (Camila Escudero)	
Cartografia dos fluxos de informação de Imperatriz-MA (Thays Assunção Reis)	22
Corpo e Espaço nas “capas” de Carbono Alterado (Ana Carolina Almeida Souza)	22
Discurso e comunicação de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil (Camila Escudero)	22
Meio técnico-científico-informacional e ecossistemas comunicativos: o espaço geográfico-cultural na Comunicação (Antonia Alves Pereira, Sonia Virgínia Moreira)	22
Os <i>media labs</i> nas universidades brasileiras: mapeamento de espaços interdisciplinares e de promoção da cultura digital (Larissa Gaspar Coelho Pinto, Maria José Baldessar)	22
Os territórios midiáticos e a territorialização do Movimento dos Povos Indígenas no <i>bios</i> midiático (Bryan Chrystian Araujo e Vilso Junior Santi)	22
Território, periferia e poder: uma análise do jornalismo cultural nos sites Zaki News e Cidadão Cultura de Mato Grosso (Maria Clara de Oliveira Mendes Cabral e Mikhail Barros e Favalessa)	22
A imprensa e a gramática dos Direitos Humanos no Brasil: uma reflexão sobre formação de valores democráticos e estratégia educativa (Ana Luísa Zaniboni Gomes e Aldo Quiroga)	4
A inserção escolar de imigrantes haitianos na cidade de Joinville (SC): uma questão de direitos humanos (Sirlei de Souza, Sandra Felício Roldão)	4
Cartografia dos Processos Comunicacionais nos Grupos de Pesquisa da UNEB: desafios metodológicos (Cláudia Regina Dantas Aragão e Mary Valda Souza Salles)	4
Cinema e formação de públicos na Modernidade e Pós-modernidade: reflexões para uma literacia cinematográfica (Milene dos Santos Figueiredo, Sara Pereira, Monica Fantin)	4
Educação e convergência: percepções e práticas dos jovens de escolas públicas brasileiras em relação aos <i>media</i> e o seu potencial para leituras <i>transmídia</i> (Eduardo Faria, José Gabriel Andrade)	4
Egomuseu: (auto)representação, (in)formação e autoria no Instagram (Raimundo Claudio Silva Xavier)	4
Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom: quem somos, onde estamos, o que estudamos e quais horizontes nos desafiam (Ana Luisa Zaniboni Gomes, Rose Mara Pinheiro e Eliana Nagamini)	4
Interveniências tecnotemporais em processos educomunicativos (Adilson Citelli)	4
Os Processos Comunicacionais e a Gamificação: Inventividade na Docência Universitária em Espaços de Aprendizagens Híbridos e Multimodais (Lidiane Rocha dos Santos)	4
Possibilidades e desafios ao processo educomunicativo no ensino remoto teórico-prático em um curso de Especialização em Comunicação (Helena Corazza)	4
Referências Musicais dos Alunos e o Deslocamento do Espaço da Educação (Rogério Pelizzari)	4

Fonte: Elaboração das autoras com base do *corpus* investigativo

No que concerne aos fluxos, os fluxos e contrafluxos se apresentaram como mercantis, geoculturais, informativos e comunicativos que percorrem várias direções e a processos tecnológicos, globais, sociais, histórico-geográficos e educomunicativos. Em

seus processos comunicacionais, o processo participativo e de (in)formação, as mediações educacionais e as práticas educativas e de comunicação estiveram presentes ao lado da inventividade e dos ecossistemas comunicativos, seja em ambiência digital quanto na integração local dos atores sociais que passa, necessariamente, pela construção coletiva dos fluxos comunicativos, discursos jornalísticos, relações interculturais e redes.

Nos títulos, o termo processos comparece como midiáticos, educacionais, comunicacionais, de educação ambiental, de aprendizagem ou ensino e aprendizagem e de capacitação ou de formação. Os espaços se referem à organização deles ou a espaços interdisciplinares e de aprendizagem híbridos e multimodais. Em relação aos fluxos, como fluxos de informação do terceiro setor e como cartografia dos fluxos de informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos a aproximação entre os grupos de pesquisa da Intercom, Geografias da Comunicação e Comunicação e Educação, com um olhar atento à produção coletiva do grupo e aos artigos apresentados entre 2018 e 2022. Espaços, fluxos e processos foram as categorias de análise que possibilitaram confirmar a perspectiva transdisciplinar que pode ser lida como interterritorialidade (HAESBAERT, 2021), visto que os fluxos e processos comunicacionais de cada grupo se realiza por trânsitos reflexivos e alterações no território em que estão inseridos.

Ainda de acordo com Haesbaert, é possível perceber que a transterritorialidade é uma constante nos sujeitos destes grupos que vão configurando sua multiterritorialidade a partir do trânsito pelos múltiplos territórios (território usado, ecossistema comunicativo, GP geografias da comunicação, GP comunicação/educação) que frequentam em busca de conceitos da própria área ou de áreas distintas em busca de construir diálogo conceitual, teórico e metodológico. Estes sujeitos demonstram habilidade no trânsito conceitual da outra área para uma práxis transformadora comunicativo-geográfico-cultural, respaldada em Paulo Freire, Milton Santos e Jesus Martín-Barbero.

Em seu conjunto, os títulos e as palavras-chave apontam para o *locus* de atuação em espaços geohistoricizados, da relação espaço-tempo, da dimensão cultural do espaço vivido com atenção aos fluxos de pessoas, bens e serviços e aos processos comunicativos que abertos, inclusivos, acolhedores e formativos. O *modus operandi* dos sujeitos em ação se desenvolve em espaços que os congregam e que os leva a construir, em colaboração, uma ambiência (ecossistemas comunicativos) respaldada na diversidade e na pluralidade

dos fluxos informativos, comunicacionais, midiáticos e interculturais que são cultivados por mediações educacionais e processos comunicacionais dialógicos.

Ambos os grupos de pesquisa apresentam elementos aproximativos que podem ser intensificados com discussões correlatas que ampliem seu olhar para as questões geográfico-cultural do território e que contemplem as dimensões do mapa das mutações culturais e dos ecossistemas comunicacionais em suas análises do espaço geográfico. Foi possível aferir elos aproximativos entre eles, visto que há usos empíricos e conceituais semelhantes nos fluxos informativos, comunicacionais, midiáticos e interculturais e nas mediações dos processos comunicacionais dialógicos.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. de B. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. **Calidoscópico**, v. 4, n. 3, p. 156-178, set./dez. 2006.

APARICI, R. **Educomunicação para além do 2.0**. (Coleção Educomunicação). São Paulo: Paulinas, 2014.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A Construção do Corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis, Vozes, 2003.

BENETTI, M. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 235-256.

CITELLI, A. O. Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da educomunicação. **Comunicação e Educação**, v. 19, p. 15-29, 2014.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. Englewood Cliffs, N. J: Prentice-Hall, 1966.

ESSER, F.; HANITZSCH, T. (Ed.), **Handbook of comparative communication research**. London, UK: Routledge, 2012.

FADUL, A. **Mídia e região na era digital**. São Paulo: A&C, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.

GOMES, A. L. Z.; PINHEIRO, R. M. Vinte anos de fundamentação freireana na produção do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom. **Comunicação & Educação**, a. 26, n. 2, jul/dez, 2021, p. 59-72.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

INTERCOM. **Enciclopédia Intercom de Comunicação** (v. 1). São Paulo: Intercom, 2010.

INTERCOM. **Normas Regimentais dos Grupos de Pesquisa (GPs) da Intercom**. 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/normas-regimentais-gps>

KAYSER, J. **El Diario francés**. Barcelo: ATE, 1970.

KAPLÚN, M. **Una pedagogia de la comunicacion**. Ediciones de La Torre: Madrid, 1998.

LEBRUN, J.L. *Scientific writing: A reader and a writer's guide Boston*. MA: World Scientific, 2007.

LÖSCH, A. *The Economics of Location*. New Haven: Yale University Press, 1954.

MACHADO, E. G. **A contribuição de Die Politische Presse Württemberg de Otto Groth para o desenvolvimento de Metodologias Aplicadas ao Jornalismo**. 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Palhoça, Unisul, nov. 2016.

MARQUES DE MELO, J. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MARQUES DE MELO, J. Prefácio. MOREIRA, S. V. (Org.). **Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2012, p. 7.

MARTIN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. Trad. Maria Immacolata Vassalo Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MOREIRA, S. V.; DEOLINDO, J. S. (Org.). **Leituras da Geografia na Comunicação - Lugar, região, território, escala e cartografias**. 1. ed. Cáceres (MT): UNEMAT Editora, 2022. v. 1. 229p.

MOREIRA, S. V.; BALDESSAR, M. J.; OTA, D. C.; BRANDALISE, R. (Org.). **O percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019.

MOREIRA, S. V. Da invisibilidade à visibilidade da Geografia na Comunicação: travessias de territórios em uma década. In: MOREIRA, S. V.; BALDESSAR, M. J.; OTA, D. C.; BRANDALISE, R. (Org.). **O percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019. p. 11-24.

MOREIRA, S. V. (Org.). **Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2012.

MOREIRA, S. V. Diálogo internacional: novos focos, antigos parceiros. In: PINHO, J. B. (org.). **Comunicação Brasileira no Século XXI**. São Paulo: Intercom, 2007, p. 169-178.

NAGAMINI, E.; GOMES, A. L. Z. (orgs). **Dinâmicas e suportes para conhecer, reconhecer e integrar saberes em Comunicação e Educação**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017a.

NAGAMINI, E.; GOMES, A. L. Z. (org.). **Dinâmicas e suportes para conhecer, reconhecer e integrar saberes em Comunicação e Educação**. (Série Comunicação e Educação; v. 2). Ilhéus, BA: Editus, 2017b.

NAGAMINI, E. (org). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e Educação**. (Série Comunicação e Educação; v. 2). Ilhéus, BA: Editus, 2016a.

NAGAMINI, E. (org). **Processos educativos na interface Comunicação e Educação**. (Série Comunicação e Educação; v. 2). Ilhéus, BA: Editus, 2016b.

NAGAMINI, E. (org). **Práticas educativas e interatividade em Comunicação e Educação**. (Série Comunicação e Educação; v. 2). Ilhéus, BA: Editus, 2016c.

PEREIRA, Antonia Alves; MOREIRA, Sonia Virginia. **Meio técnico-científico-informacional e ecossistemas comunicativos: o espaço geográfico-cultural na Comunicação**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

ROXO, M. Metodologia como disciplina: estratégias pedagógicas adotadas em sala de aula. MOURA, C. P. de.; LOPES, M. I. V. de. (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2019, p. 109-128.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. (Coleção Milton Santos; 1), 4ªed. 10ª imp. São Paulo: Edusp, 2020[1996].

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuição para a reforma do ensino médio**. (Coleção Educomunicação). São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte**, Brasília, a.1, n.2, p. 19-74, jan./mar. 1999.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrald Brasil, 2018 [2013].

SERRA, F. A. R.; FERREIRA, M. A. S. P. V. Comentário editorial: o título, resumo e palavras-chave dos artigos. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**. v. 13, n. 4. out./dez. 2014, p. 1-8.

TAYLOR, P. *Cities within spaces of flows: theses for a materialist understanding of the external relations of cities*. In: P. J. Taylor, B. Derudder, P. Saey and F. Witlox (Eds.). *Cities in Globalization: Practices, Policies and Theories*. London: Routledge, 2007, pp. 287-297.

UNESCO. **Educação e transdisciplinaridade**. Coleção. Brasília: Unesco, 2000. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>. Acesso em: 20 mai. 2023.